

O preconceito lingüístico em textos de humor: uma piada sem graça

Débora Facin*

Marizete Bortolanza Spessatto**

Resumo

As piadas, embora pareçam discursos neutros, reforçam uma série de preconceitos. Em relação à língua, tornam-se mais uma ferramenta de discriminação àqueles que são detentores das variantes não-padrão. Neste artigo apresentam-se os resultados de uma pesquisa que tomou como base a Sociolingüística com suporte da Análise do Discurso, procurando-se apontar a existência do preconceito lingüístico em textos de humor. A partir da descrição dos principais fatores que caracterizam o preconceito lingüístico, buscou-se categorizar os textos por meio dos mecanismos lingüísticos, a fim de identificar os principais preconceitos que se formam a partir da construção dos enunciados. É importante lembrar que, assim como em outras situações comunicativas, o preconceito lingüístico presente nas piadas revela-se um forte mecanismo de preconceito social, o que pode ser comprovado pelos grupos citados nas piadas analisadas. O presente artigo é resultado da pesquisa “Uma piada sem graça: o preconceito lingüístico em textos de humor”, desenvolvida durante o curso de especialização em Lingüística e Ensino, com recursos do Fape/Unochapecó. Palavras-chave: Variação lingüística. Preconceito lingüístico. Humor.

1 INTRODUÇÃO

A língua, como veículo de comunicação e fator essencial de identificação, sofre resistência da sociedade em termos de variação; isso porque as diferentes

* Especialista em Lingüística e Ensino pela Unochapecó; Graduada em Letras pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc); revisora lingüística da Unoesc; debora.facin@unoesc.edu.br

** Mestre em Lingüística pela Universidade Federal de Santa Catarina (Ufsc); professora do Centro de Ciências de Comunicação e Artes da Unochapecó; Rua Senador Atilio Fontana, 591 E, Bairro Efapi; CEP 89909-000; Chapecó, SC; mbs@unochapeco.edu.br

variações expõem a diversidade social e cultural, nem sempre aceita. Dessa forma, os sujeitos detentores dessas variantes acabam sendo alvo de preconceito. Os textos de humor, principalmente as piadas, têm servido como instrumentos nessa segmentação, reforçando o preconceito aos falantes de variantes vernáculas, que são os mesmos sujeitos que, em outras situações e até mesmo nas piadas, enfrentam o preconceito pela sua condição social.

Ao se analisar as variações lingüísticas e como se formam os preconceitos em torno das variantes tidas como não-padrão, poderia-se analisar essa realidade por meio de qualquer outro discurso que não fossem, necessariamente, os textos de humor. Tal escolha deve-se ao fato de que são justamente os textos de humor que concentram toda uma série de interpretações estereotipadas acerca dos falantes das diferentes variáveis, exatamente por serem encarados apenas como discursos ingênuos, feitos para o riso, desvinculados de qualquer ideologia.

Sob essa perspectiva, organizou-se este estudo em torno da seguinte questão: de que modo as piadas reforçam o preconceito lingüístico em relação às variantes não-padrão da língua? O primeiro procedimento foi realizar um estudo bibliográfico que permitisse entender o que os autores propõem em relação ao preconceito e às variedades lingüísticas, além de ilustrar como o preconceito lingüístico está ligado diretamente às questões sociais e geográficas.

Em seguida, procuraram-se subsídios para a caracterização da linguagem das piadas, dos mecanismos lingüísticos que são acionados para levar ao humor. Para isso, selecionou-se como base a categorização apresentada por Possenti (2001). Para o autor, as piadas funcionam a partir do momento em que há possibilidade de dupla interpretação, gerada pelos níveis fonológico, morfológico, lexical ou sintático da língua. Por fim, apresenta-se a seleção e análise dos textos, estes retirados de *sites* de humor, jornais e obras da área que discorrem sobre língua e linguagem.

2 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: UM CASO DE PRECONCEITO

Não é difícil perceber que as diferenças lingüísticas são marcantes em toda a sociedade brasileira. Lamentável é o fato de que ainda prevalece a concepção de que o modo de falar correto é aquele pertencente à elite, e que o modo de falar

errado está vinculado a grupos de nível social inferior. Essa realidade é retratada com muita ênfase por Bagno (1999), o qual analisa a mitologia do preconceito lingüístico. O autor defende que esse preconceito prejudica toda a educação e a formação do indivíduo como cidadão. Bagno (1999) descreve oito mitos que, ao todo, servem para transmitir a idéia de que o Brasil apresenta uma unidade lingüística homogênea, sem dialetos, variantes, e que, quando estas aparecem, representam apenas “deformações” do português.

O primeiro mito que o autor destaca é que “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente.” Essa idéia é uma tradução completamente equivocada no sentido de não reconhecer a pluralidade cultural e, conseqüentemente, lingüística que o Brasil abriga. A diferença de classes sociais é marcante no país, fato que explica a diversidade lingüística, ou seja, por um lado, grupos falantes da variedade não-padrão, e de outro, os falantes da língua culta, esta ensinada na escola.

O mito número dois afirma que “Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português.” Segundo o autor, essas afirmações denotam uma visão estigmatizada do Brasil em virtude dos valores históricos que o conduziram como colônia de Portugal. Nesse caso, a questão é que existem diferenças na língua falada entre os dois países, até que, várias vezes, acabam surgindo incompreensões entre falantes do mesmo idioma. Em relação à língua escrita, em ambos os países, a ortografia é a mesma, o que desmistifica o fato de que somente em Portugal se fala bem português.

Outra afirmação totalmente equivocada que Bagno (1999) revela é que “Português é muito difícil.” Esse mito revela que, muitas vezes, os falantes da língua portuguesa são induzidos a memorizar regras e conceitos sem entenderem a razão disso. Ainda mais complicado é que não fazem uso de tanta normatização. Isso se deve ao distanciamento que há entre a gramática tradicional e a língua falada no Brasil.

O mito número quatro aponta que “As pessoas sem instrução falam tudo errado.” Nesse caso, a realidade revela uma discriminação que foge da questão lingüística; trata-se de um preconceito social que fragiliza as pessoas falantes de uma variável distante do padrão ensinado na escola. O exemplo está na troca do /l/ pelo /r/, como “Craudia, praca, chicrete”, entre outros. Então, fica evidente que o preconceito está intrinsecamente ligado ao caráter social, uma

vez que os falantes dessa variável são pessoas pertencentes à classe baixa da sociedade brasileira.

Na seqüência da leitura da “Mitologia do preconceito lingüístico”, tem-se o mito número cinco, afirmando que “O lugar onde melhor de fala português no Brasil é o Maranhão.” Certamente, essa é mais uma incógnita repetida por muitas pessoas sem nenhuma razão científica. Na verdade, esse mito está ligado às questões históricas, ou seja, talvez uma aproximação com o português de Portugal, pois:

É sabido que no Maranhão ainda se usa com grande regularidade o pronome tu, seguido das formas verbais clássicas, com a terminação em –s característica da segunda pessoa: tu vais, tu queres, tu dizes, tu comias, tu cantavas etc. Na maior parte do Brasil, como sabemos, devido à reorganização do sistema pronominal, o pronome tu foi substituído por você. (BAGNO, 1999, p. 46).

O mito número seis diz que “O certo é falar assim porque se escreve assim.” Isso acontece em virtude da norma culta ensinada na escola. Sabe-se da existência de uma variante culta, compartilhada na escola, bem como uma análise da língua do ponto de vista científico, mas isso não condiz com a negação das múltiplas pronúncias que caracterizam as culturas de determinadas regiões do Brasil.

Outra idéia totalmente desconexa é que “É preciso saber gramática para falar e escrever bem.” Nesse caso, a gramática é evidenciada como instrumento de poder e de controle da língua. É importante frisar que o conhecimento das normas que regem o funcionamento de uma língua padrão é fundamental, porém não cabe afirmar aqui que gramática e língua são sinônimos. Se tal afirmação correspondesse com a realidade, os nossos escritores seriam grandes especialistas em gramática.

Por último, Bagno (1999) cita que “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social.” Como no primeiro mito citado, a questão é puramente social. Não se poderia acreditar que o domínio da língua traz qualquer tipo de benefício econômico a alguém.

A análise dessa realidade é interessante no sentido de investigar quanto o Brasil é desigual em relação à dignidade do ser humano. Como o autor afirma

em toda sua obra, “[...] simplesmente, o preconceito lingüístico não existe. o que existe, de fato, é um profundo e entranhado preconceito social.” (BAGNO, 2003, p. 16). Assim, é preciso ter maturidade para reconhecer a linguagem como sendo o principal meio de comunicação, e não utilizá-la como mais um fator para a negação de grupos sociais minoritários.

3 A LINGUAGEM DAS PIADAS

Quando se fala em humor, a primeira manifestação das pessoas é pensar em piada. No entanto, não se pode caracterizar o mesmo princípio acerca do humor, pois este não se restringe apenas à piada, ou seja, a piada que não faz rir deixa de ser piada, já o humor pode aparecer em outros textos que não sejam necessariamente uma piada.

Atualmente, as piadas têm sido alvo de estudos de pesquisadores da área da Lingüística. Infelizmente, ainda quando se fala em piadas do ponto de vista da pesquisa, a única manifestação é o riso em virtude do desconhecimento de que esse tipo de texto seja um material riquíssimo para análise, tanto do ponto de vista estrutural quanto semântico, além de revelar uma série de fatos que, certamente, outros textos ocultariam.

Antes de se analisar a questão do humor, serão feitas algumas considerações sobre a relevância do estudo das piadas. Do ponto de vista da Análise do Discurso, as piadas funcionam como algo quase que oculto, ou seja, a mensagem não se manifesta de modo direto; é o segredo, o proibido que denota a piada. Quando se estudam piadas, percebe-se que, do ponto de vista semântico, as ambigüidades são a maior característica que pode existir. Por outro lado, afirma-se que a piada, para existir, depende também das suas condições de produção, uma vez que “[...] em termos genéricos, os discursos, para ocorrerem, exigem bem mais do que um locutor dotado de genialidade e inspiração.” (POSSENTI, 2001, p. 37).

A fala de Possenti (2001) afirma que existem regras para que o sujeito diga algo em determinadas circunstâncias e em outras não. Além disso, o papel do leitor também é importante no processo de leitura.

Como se pode perceber, a piada constitui um texto muito rico para estudos lingüísticos, uma vez que ela:

[...] é a língua em seu funcionamento mais vivo. Numa piada, por sua natureza breve, os personagens que nela atuam têm de acionar de imediato a memória do leitor. Personagens como loucos, bêbados, deficientes físicos e fanhos são caracterizações psicológicas e físicas de forte apelo popular, verdadeira iconografia discursiva. (CONDE, 2005, p. 8).

Assim, o humor não está restrito apenas a um tipo específico de discurso, e sim ele é determinado por uma condição de produção, ou seja, o humor, dependendo da situação, pode contagiar alguns, e outros não. Para isso, parte-se dos pressupostos que insurgem os textos de humor. Eles, por sua vez, propiciam uma série de mensagens que são decodificadas pela relação texto-leitor.

As piadas são acionadas a partir de níveis lingüísticos diferentes. Além da análise do ponto de vista lingüístico, será observada a presença do preconceito nas piadas. Os fatores lingüísticos correspondem a uma reflexão sobre os níveis clássicos (fonológico, morfológico, lexical e sintático); então serão considerados os fenômenos de variação nos textos de humor, tais como o rotacismo, a eliminação das marcas de plural redundantes, a transformação de LH em I, a contração das proparoxítonas em paroxítonas, a redução do ditongo EI em E, a simplificação das conjugações verbais e outros fenômenos que caracterizam as variações lingüísticas (BAGNO, 2001).

3.1 PIADA ACIONADA PELO NÍVEL FONOLÓGICO

A moça se preparou para ir a um baile da Gaviões da Fiel. Chegando lá, um dos mano suarento e banguela pede pra dançar com ela. Para não arrumar confusão, ela aceita. Mas o mano suava tanto que ela já não estava suportando mais! A moça foi se afastando, e disse: ‘Você sua, hein!’ Ele puxou-a, lascou um beijo e respondeu: ‘Também vô sê seu, minha princesa!’ (O XATO, 2007, p. 5).

A piada foi acionada pela dupla possibilidade de leitura. Em primeiro momento, pode-se fazer a leitura do termo “sua” como a conjugação do verbo suar, porém, em seguida, a situação remete a outra interpretação por meio da expressão “vô sê seu”, em que o “sua” passaria a ser interpretado como pronome possessivo. Claro que outras intenções permeiam todo esse contexto.

Além da ambigüidade presente no termo “sua”, o mecanismo fonológico caracteriza-se pelo fato da leitura “vô sê seu”. Por outro lado, percebe-se o contexto temático que é enfatizado na piada, ou seja, a ridicularização do “mano” mediante suas características “suarento e banguela”. O mais interessante é a modalidade de sua fala, uma vez que “mano”, pertencente à classe baixa da sociedade, falaria uma variante da língua que não é tida como padrão.

3.2 PIADA ACIONADA PELO NÍVEL MORFOLÓGICO

Possenti (2001) exemplifica o mecanismo morfológico acionado em algumas piadas com a seguinte situação:

Numa coluna publicada após um final de ano chuvoso, comentava a mistura de peru, farofa e chuva. E resumia os festejos de Natal e Ano Novo da seguinte forma: ‘Peru, farofa e uma chuvinha por cima’. E, em seguida, [...] ‘E o macho vinha por cima’. Ora, como se pode ver, esta é uma outra versão da seqüência ‘ e uma chuvinha por cima’ [...] (POSSENTI, 2001, p. 30).

Observa-se, no recurso adotado, que há um mecanismo morfológico, uma vez que é por meio da pronúncia que ocorrem as duas interpretações. Se a leitura fosse [úma], logo se interpretaria como uma chuvinha; caso se observasse [u’ má], a leitura será “U macho vinha”. É interessante que, com esses mecanismos, percebe-se o quanto a construção lingüística afirma um conteúdo dotado de sentidos que, em uma situação comum, talvez não fosse perceptível. Daí a afirmação que as piadas são um material riquíssimo para os estudiosos da linguagem.

3.3 PIADA ACIONADA PELO NÍVEL LEXICAL

“Na viagem, a mãe ajuda a filha, que está enjoada. O cavalleiro ao lado pergunta: – Foi comida? – Foi, mas vai casar, responde a mãe.” (ILARI, 2002, p. 106).

Além do conteúdo sexista que existe no texto, é interessante como se constrói o humor por meio do mecanismo lexical. Como a ambigüidade acontece em torno da palavra “comida”, podem-se observar duas interpretações possíveis.

A primeira delas é uma situação comum; acontece freqüentemente, alguém não se sentir bem em viagens, bem como existir um cavalheiro com intenções de ajudar a moça que está passando mal.

O que realmente interessa aqui é o segundo sentido possível, pois é o que remete ao humor. Nessa segunda interpretação, o termo comida está diretamente ligado a sexo, ou seja, a mulher já teve relação sexual, mas a mãe defende em seguida que vai casar.

3.4 PIADA ACIONADA PELA SINTAXE

A professora passou a lição de casa: fazer uma redação com o tema: ‘Mãe só tem uma’. No dia seguinte, cada aluno leu a sua redação. Todas mais ou menos dizendo as mesmas coisas: a mãe nos amamenta, é carinhosa conosco, é a rosa mais linda no nosso jardim etc.etc.etc., portanto, mãe só tem uma [...] Aí chegou a vez de Joãozinho ler a sua redação: Domingo foi visita lá em casa. As visitas ficaram na sala. Elas ficaram com sede e minha mãe pediu para mim (SIC) buscar Coca-cola na cozinha. Eu abri a geladeira e só tinha uma coca-cola. Aí, eu gritei pra minha mãe: ‘Mãe, só tem uma!’ (ORAPOIS, 2008).

A diferente construção sintática nesse texto é o que causou o humor. Em primeiro lugar, tem-se uma situação corriqueira, a professora atribui um tema para que os alunos desenvolvam uma redação. O que acontece a seguir e o que o leitor talvez não esperasse é o fato da proposta de Joãozinho, totalmente contrária ao início do texto.

O uso da vírgula na passagem “Mãe, só tem uma!” proporcionou uma segunda leitura, o que garantiu outro conteúdo totalmente diferente da primeira parte do texto. Aqui, a situação é que só havia uma Coca-cola na geladeira, enquanto que a ausência da vírgula no primeiro parágrafo remete à idéia de que mãe é única.

Na verdade, o riso é tão comum nas formas de vida social do homem, podendo ser considerado fator primário de seu comportamento. O que é peculiar no humor é que ele chama a atenção do leitor para uma possível manifestação da linguagem.

Os autores que trabalham com o humor valorizam a inovação e a forma incomum de ver as coisas, as espécies de discursos proibidos e a inovação podem ser vistas como a nova forma de perceber velhas coisas.

Embora as piadas tenham um forte cunho cultural, social ou ideológico, os analistas do discurso devem, também, preocupar-se com o preconceito gerado pelas piadas. Foi diante dessa questão que nesta pesquisa o objetivo não foi analisar somente os diferentes mecanismos que acionam os textos de humor, mas também como as diversas formas de preconceitos são construídas.

4 A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA EM TEXTOS DE HUMOR: UMA ANÁLISE

Ao mesmo tempo em que se está investigando o preconceito lingüístico, afirma-se, nas palavras de Bagno (2003, p. 16), que esse fenômeno não existe, e sim um preconceito puramente social.

Se discriminar alguém por ser negro, índio, pobre, nordestino, mulher, deficiente físico, homossexual etc. já começa a ser considerado publicamente inaceitável [...] e politicamente incorreto [...], fazer essa mesma discriminação com base no modo de falar pessoa é algo que passa com muita naturalidade, e a acusação de atropelar a gramática ou não saber português pode ser proferida por gente de todos os aspectos ideológicos, desde o conservador mais empedernido até o revolucionário mais radical.

O que ocorre é que os grupos falantes de qualquer variante lingüística, exceto a norma culta, sofrem preconceito em virtude dessa variante. Entre as formas de difusão do preconceito lingüístico, as piadas caracterizam-se como uma das mais marcantes. Elas reforçam o estereótipo, já que associam alguma variante dos grupos sociais tradicionalmente marginalizados, como os falantes da área rural.

Spessatto, em sua obra *Linguagem e Colonização* (2003), revela uma série de discussões que envolvem o preconceito lingüístico com determinado grupo social, em virtude da sua variante lingüística. Nesse particular, exemplifica um caso de discriminação decorrente da dificuldade quanto ao uso da vibrante dentro de um dialeto padrão do português brasileiro, no caso do italiano, que é falado pelos descendentes residentes na região de Chapecó, no Oeste catarinense.

As variantes lingüísticas que caracterizam os grupos sociais mais estigmatizados enfrentam uma série de reações sociais. Os falantes dessas variedades convivem com a censura, a crítica e até mesmo com o deboche. Nesse aspecto, as piadas, em princípio engraçadas e ingênuas, reforçam o preconceito lingüístico, assim como o fazem em outros tipos de preconceito.

Como afirma Possenti (2001, p. 26), “[...] as piadas funcionam em grande parte na base de estereótipos, seja porque veiculam uma visão simplificada dos problemas, seja porque assim se tornam mais facilmente compreensíveis para interlocutores não-especializados.” Outro fato a considerar, e que está comprovado na análise das piadas, é que elas retomam os grupos sociais tradicionalmente e remetem a eles as variantes não-padrão.

4.1 TEXTO 1

“Em uma conversa, um colega explica para o outro a sua situação na escola: – Em matemática eu não me dou bem, mas em português eu ‘araso’.” (SPES-SATTO, 2003, p. 16).

O enunciado anterior revela uma situação que é comum em regiões onde os indivíduos, descendentes de italianos, têm dificuldade em pronunciar a vibrante múltipla. A diferença entre a vibrante múltipla (em situações como “carro” e “rua”) e o tepe (presente em contextos como “parede” e “porta”) é invisível para os falantes desse dialeto.

Por outro lado, percebe-se que a variação fonológica instiga a um comportamento preconceituoso, manifestado na piada, que leva à desconstrução da afirmação do sujeito do “em português eu ‘araso’”.

4.2 TEXTO 2

O Caipira Telespectador. O caipira estava tranqüilo, deitado na sala, fumando o seu sagrado cigarrinho de palha e assistindo televisão, quando o seu cumpadre passa e acena pela janela: – Bom dia, Zé [...] tudo firme? Ele vira para o amigo e diz: – Não, cumpadre [...] Por enquanto é tudo futebol [...]. (HUMORTADELA, 2006).

A possibilidade de duas interpretações para o enunciado desencadeia o humor. O sujeito interpelado no discurso, detentor de uma variante na qual o fenômeno do rotacismo está presente, interpreta “firme” como “filme”, o que fica claro na resposta: “Por enquanto é tudo ‘futebol’”. Nesse texto, assim como em outros tantos que seguem, fica claro o preconceito social oculto no texto, já que é o caipira que está, inclusive, no título da piada, uma vez que é dele que se acha graça.

4.3 TEXTO 3

Soltando o Verbo. Perguntaram ao mineiro: – Diz aí um verbo! Ele pensou, pensou e respondeu indeciso: – Bicicreta. – Não é bicicreta, seu mineiro burro, é bicicleta. E bicicleta não é verbo! Perguntaram a outro mineiro: – Diz você aí um verbo! Ele também pensou, pensou e arriscou ressabiado: – Prástico. – Não é prástico, ô mineiro burro, é plástico. E plástico não é verbo! Perguntaram a um terceiro mineiro: – Diz aí um verbo! Esse aí nem pensou: – Hospedar. – Muito bem! Até que enfim um mineiro inteligente. Agora diga aí uma frase com o verbo que você escolheu. O mineiro encheu o peito de coragem e mandou bala: – Hospedar da bicicleta são de prástico! (HUMORTADELA, 2006).

O fenômeno de variação que caracteriza essa piada é o rotacismo, contudo, nesse caso, o processo ocorre nos encontros consonantais. A troca aparece em “bicicleta” por “bicicreta”; “plástico” por “prástico” e, por fim, “pedal”, por “hospedar”, que agrega, também, a supressão na marca de plural, já que a piada acontece quando o sujeito produz “os pedar” (em substituição de “os pedais”).

À medida que o mineiro entende o que seria um verbo (hospedar ou “os pedar”), essa hipótese é revertida a partir de sua oração “Os pedar da bicicreta são de prástico!” A piada reforça um equívoco que sustenta o preconceito lingüístico, para o qual o desconhecimento da forma lingüística caracteriza, por analogia, o desconhecimento do conteúdo. Em outras palavras, aqueles que não detêm a forma (norma) culta são “menos inteligentes”; ou essa interpretação é verdadeira, ou não seria possível a afirmação: “Até que enfim um mineiro inteligente!”, manifestada por um sujeito indeterminado, oculto no verbo “perguntaram”, que abre o texto. O uso do verbo indeterminado gera o que Bagno (1999) chama de “generalização

abstrata”. Todos percebem a variação como algo negativo, enquanto que ninguém se expõe, o preconceito lingüístico torna-se, ao mesmo tempo, geral e anônimo.

4.4 TEXTO 4

O Caipira na Cidade Grande. Um homem muito simples, que sabia ler um pouco, chegou à cidade grande e ficou boquiaberto com tantos carros, tantos prédios, construções monumentais, viadutos, túneis, iluminação etc. Parou diante de um prédio muito alto, ficou contemplando aquela construção incrível e desabafou para um homem que passava: – Óia só, seu moço, como é que é as coisa. Eles faz essas coisa impossíver e depois escreve na frente: É DIFÍCIO! (HUMORTADELA, 2006).

Observa-se que o sujeito apresentado como “caipira”, no título da piada, é descrito ao longo do texto como “homem muito simples”, “que sabia ler um pouco” e que, por fim, “ficou boquiaberto” diante das “maravilhas da cidade grande”.

A cidade, por outro lado, aparece como um lugar de “construções monumentais”, “iluminação”, “construção incrível” e outros adjetivos que estão distantes da realidade do “homem simples”. Quando a ele é dado o direito de se manifestar, sua fala aparece carregada de marcas do português não-padrão (“óia” para “olha”, “impossíver” para “impossível”. E, então, entender prédio como edifício só poderia ser “difício!”

4.5 TEXTO 5

O Caipira Perdido. Caipira veio pra São Paulo e ficou completamente perdido. Então perguntou pra um sujeito que estava sentado na praça, fumando. – Dia, moço [...] O sinhô sabe onde é que fica o terminal de Ônibus da Praça da Arve? – Praça da Árvore? – corrigiu o paulistano. – Isso, exatamente [...] Praça da Arve! – Fica ali, ó! Na primeira rua à esquerda. Qualquer idiota sabe! – Mais é por isso mesmo qui eu perguntei pro sinhô, uai! (O XATO, 2006, p. 6).

Essa piada, do ponto de vista temático, está estruturada basicamente da mesma forma que a piada anterior. O caipira que vai à cidade grande, nesse caso

São Paulo, e fica completamente perdido. O conteúdo também revela as diferenças entre pessoas de ambientes completamente distintos e discriminação em relação ao grupo social proveniente do meio rural.

A piada começa com o emprego da variação fonológica na pronúncia de “árvore”. O caipira, ao falar “arve”, é ridicularizado pelo falante da cidade grande, que assim se manifesta “[...] qualquer idiota sabe!” Ao contrário das demais piadas até aqui analisadas, o humor desse texto é acionado pela inversão gerada pela fala do caipira ao responder o “Mais é por isso mesmo qui eu perguntei pro sinhô, uai!”

4.6 TEXTO 6

O empregador. Certo candidato a prefeito numa pequena cidade do interior gaúcho fazia seu discurso de campanha com muita empolgação, mas num português todo estropiado: – Vou mandá patrulhar as rua. – Vou construí muitas escola. – Vou fazê moradia popular para todas as pessoa dessa cidade. Um assessor chega ao ouvido do orador e diz: – Prefeito, emprega o plural! O candidato prontamente emenda o discurso: – E tem mais: vou empregá o plural, a mulher do plural, os filho do plural. Não vou deixar ninguém sem emprego. (ZH, 2000).

Essa piada apresenta o fenômeno da eliminação das marcas de plural redundantes (BAGNO, 2001), que é uma característica presente na fala da maioria dos brasileiros, independente da classe social. Entretanto, embora aqui pareça uma brincadeira com uma característica compartilhada pelos falantes do português brasileiro, de um modo geral, é preciso considerar que há intenção revelada de ridicularizar a figura do político brasileiro. A partir do momento em que ele compreende “plural” como um cidadão apto ao voto, reforça-se a idéia de que “político é tudo igual” e, portanto, não adianta “pensar muito para votar.”

4.7 TEXTO 7

Cultura do Sertão. Um grupo de estudantes de uma faculdade do Rio de Janeiro foi até a cidade mais pobre do sertão do

nordeste para fazer uma pesquisa. Chegando lá abordaram um senhor e começaram a lhe fazer perguntas: – Qual o seu nome? – Josicreison da Silva [...] – Tem filhos? – Ô [...] Tenho 17 fio e 44 neto [...] – E de onde saíram tantos filhos? – perguntou um estudante, em tom de brincadeira. – Uê [...] Viero dos testículos! Os estudantes ficaram paralisados e um deles comentou: – Parabéns, seu Josicreison! Em uma cidade distante como essa o senhor fala uma palavra difícil [...] “Testículos” [...] Que cultura, hein! – Num é curta não! – negou o sujeito – É prevenção memo! Imagina só, no meio dessa fome toda, se eu falo que isso aqui é ovo, já tava capado há muito tempo! (HUMORTADELA, 2006).

A ausência de plural da piada anterior reaparece, aqui, na fala do “sujeito do sertão”. O rotacismo está mais uma vez presente. Destaca-se o fato de que o título da piada chama a atenção para a “cultura do sertão”. Ao longo do texto, tem-se a variação lingüística descrita e a narração do diálogo entre os estudantes da faculdade do Rio de Janeiro e o nordestino interiorano. Esse é pobre, tem muitos filhos e, na visão dos estudantes, não pode ser detentor de um vocabulário mais bem elaborado, tanto que a palavra “testículos” gera estranhamento no estudante. A graça está no emprego do termo em substituição a “ovos”, já que se trata de um povo de classe baixa. Logo, compreende-se o emprego do termo “cultura”, presente no título. A piada toda é um deboche e percebe-se o sentido por trás do texto de que “nordestino não tem cultura.”

4.8 TEXTO 8

A Alfaiataria e o Professor de Português. O professor de português, recém-chegado naquela cidadezinha, resolve fazer um termo. Ao passar por uma alfaiataria, ele lê o letreiro: “Arfaaiataria Águia di Oro”. Ao entrar, ele cumprimenta o proprietário e, tentando ser gentil, tece um elogio: – Parabéns! Gostei do nome que você colocou na sua loja. Águia de Ouro! É um nome imponente! O caipira olha para ele com ar desconfiado e responde: – Discurpi seu dotô! Pode ser imponente, mas o sinhô falô errado. Não é “Águia di oro” e sim “Agúia di oro”! (HUMORTADELA, 2006).

O humor se constrói a partir do momento em que o professor de português tenta corrigir o alfaiate caipira. Ao longo do diálogo, a conclusão fatídica que, além de “não saber escrever”, o profissional também “não sabe falar!”

4.9 TEXTO 9

Ruy Barbosa, ao chegar em casa, ouviu um barulho esquisito vindo do seu quintal. Chegando lá, constatou que havia um ladrão tentando levar seus patos de criação. Aproximou-se vagarosamente do indivíduo, surpreendendo-o tentando pular o muro com seus amados patos. Batendo nas costas do tal invasor, disse-lhe: – Ô bucéfalo, não é pelo valor intrínseco dos bípedes palmíferes e sim pelo ato vil e sorrateiro de galgares as profanas de minha residência. Se fazes isso por necessidade, transijo; mas se é para zombares de minha alta prosopopéia de cidadão digno e honrado, dar-te-ei com minha bengala fosfórica no alto de tua sinagoga que te reduzirá à quinquagésima potência que o vulgo denomina nada. E o ladrão, confuso, disse: – Ô moço, eu levo ou deixo os patos? (HUMOR..., 2000).

A piada cita um dos autores consagrados pelo exemplar uso da norma culta. Este, em seus conhecimentos que o colocam acima dos demais, consegue fazer com que o sujeito que invade o quintal fique em dúvida, inclusive quanto à intenção que o fez entrar. Veja-se que o falante da norma culta é o proprietário, e aquele que invade a propriedade para “subtrair o pato” não compreende o complexo vocabulário. O que isso significa?

4.10 TEXTO 10

Mineiro gago. O filho do matuto vai estudar na cidade grande. No primeiro dia de aula ele acompanha o filho para uma entrevista com o diretor da escola. O diretor examina o garoto e pergunta: – Este menino gagueja sempre? – Não, sinhô. Só quando fala. (HUMORTADELA, 2006).

O mineiro, assim como o caipira, o gaúcho, a loira, o negro, entre outros indivíduos são alvos de piada, de um discurso repleto de humor e preconceito.

Em primeira instância, há o filho do mineiro que é considerado matuto – termo que denota quem vive na roça, ou seja, caipira – e vai estudar na cidade grande. Inicialmente, já se percebe uma distância entre as pessoas que residem na cidade e o mineiro que não pertence a esse ambiente.

5 CONCLUSÃO

As piadas fornecem argumentos valiosos aos estudiosos que procuram elucidar como o discurso é construído, de que maneira as informações implícitas são formatadas para que o discurso se torne relevante e engraçado. Elas são ótimos exemplos, pois o sentido dos textos não depende da particularidade do autor, ou seja, como as piadas não têm autor, os preconceitos, quase que em sua totalidade proibidos, veiculam de uma forma normal, sem que estejam relacionados a um indivíduo.

Este estudo não se limitou apenas na análise lingüística das piadas, o mecanismo colaborou para que se pudesse entender mais detalhadamente como se constroem os estereótipos nos textos humorísticos que tratam da variação lingüística. Ficou nítido como o preconceito existe em relação aos grupos falantes da norma não-padrão. Tratam-se, na maior parte dos exemplos, de sujeitos de classes baixas, com pouca escolaridade e que vivem no meio rural.

Essa é uma realidade que está distante de ser resolvida. São discursos que foram historicamente construídos e são afirmados a todo instante em textos de humor. É interessante como a tese de Bagno (2003), de que não existe preconceito lingüístico, e sim social, confirma-se a partir da análise dos textos de humor aqui presentes. Certamente, no caso das piadas analisadas, o preconceito não está diretamente ligado à variante lingüística dos indivíduos, ela é apenas uma forma de condenar os grupos que estão distantes das pessoas falantes da norma culta, pertencentes ao grupo de maior prestígio social.

A temática desta pesquisa precisa, ainda, ser estudada, pois, embora ainda não exista uma ciência que trate especificamente das piadas, é interessante perceber o quanto os textos de humor proporcionam aos estudiosos da linguagem uma excelente fonte de compreensão dos fenômenos que envolvem a complexa relação dos sujeitos que vivem em uma mesma sociedade, mas que estão distantes por diversos fatores, inclusive pela linguagem, o meio que utilizam para se comunicar.

The linguistic prejudice in humour texts: a poor joke

Abstract

Although the jokes seem neutral discourses, they reinforce many prejudices. In relation to language they turn into a discrimination tool against the speakers of non-standard patterns. This paper presents the research results that have as basis the Sociolinguistics, the Discourse Analysis to justify this hypothesis. The research pointed the existence of linguistic prejudice in humour texts from the main factors description which characterized the linguistic prejudice, we tried to classify the texts through linguistic mechanisms to identify the main prejudices which are formed since the statement construction. It is important to remember that, as in other communicative situations, the linguistic prejudice in jokes reveals a strong mechanism of social prejudice, which can be observed by the groups cited in the analised jokes. This paper is a result of the research: "A poor joke: the linguistic prejudice in humour texts", developed during the Post-graduation in Linguistics and Teaching with resources of Fape/Unochapecó.

Keywords: Linguistic variation. Linguistic prejudice. Humour.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália**: novela sociolingüística. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Língua materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

_____. **Português ou Brasileiro**: um convite à pesquisa. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Preconceito lingüístico**: o que é, como se faz? 38. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

CONDE, Gustavo. **Jornal da Unicamp**, Campinas, p. 8, 10 abr. 2005.

HUMOR na net.com. **O intelectual e o ladrão**. 2000. Disponível em: <<http://www.humornanet.com/servlet/sitem?itm=2777&mod=arq&cat=28>>. Acesso em: 7 mar. 2008.

HUMORTADELA: o melhor site de humor da América Latina. **Piadas**. Disponível em: <<http://www.humortadela.uol.com.br>>. Acesso em: 10 out. 2006.

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico**. São Paulo: Contexto, 2002.

ILARI, Rodolfo; WANDERLEY, Geraldi J. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1990.

ORAPOIS. **Piadas de Joãozinho**. 2008. Disponível em: <[http://www.orapois.com.br/humor/piadas/piadas-de-joaozinho/a-professora-passou-a-licao_id31396_p0_mc\).html](http://www.orapois.com.br/humor/piadas/piadas-de-joaozinho/a-professora-passou-a-licao_id31396_p0_mc).html)>. Acesso em: 5 fev. 2008.

O “XATO”. **Piadas**. Joaçaba, ano 4, n. 32-38, mar./ago. 2006.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua**: análises lingüísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SPESSATTO, Mary Bortolanza. **Linguagem e colonização**. Chapecó: Argos, 2003.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.

Recebido em 21 de maio de 2008

Aceito em 19 de julho de 2008

